

# CONTRA O EUFEMISMO – UMA LITERATURA QUE AGRIDE

**Graciela Foglia\***

 <http://orcid.org/0000-0001-8795-1359>

**Como citar esta resenha:** FOGLIA, G. Contra o eufemismo – uma literatura que agride. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 1-5, set./dez. 2022. DOI 10.5935/1980-6914/eLETRE15157

**Submissão:** fevereiro de 2022. **Aceite:** agosto de 2022.

*O eufemismo é uma cumplicidade e usar eufemismos é  
fazer parecer que as coisas não são tão graves<sup>1</sup>*  
(María Fernanda Ampuero).

■ **V**iolência intrafamiliar, violência de classe e racista. Hipocrisia social e eclesial. Um amor “esquisito”. São os temas que perpassam os contos de *Rinha de galos*, de María Fernanda Ampuero (Guayaquil, Equador, 1976). Alguém disse: “são relatos que agridem o leitor”<sup>2</sup>; definição precisa. Ou nas palavras da autora: “Meu ideal é que seja considerado um livro de terror, o gênero que melhor pode contar que durante 18 ou 20 anos estamos à mercê dessas pessoas – a família –, que por sua vez estiveram à mercê de outras”<sup>3</sup> (MASSIS, 2019).

Horrorizada com o mal que o espaço familiar pode fazer para uma criança, Ampuero explora esse universo e fala dele. Denuncia. Mas não conta em tom de manifesto. Como diz em uma entrevista, “Eu queria que [o livro] fosse suficien-

\* Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: graciela.fo@gmail.com

1 “El eufemismo es una complicidad y usar eufemismos es hacer que las cosas no sean tan graves” (MARTÍNEZ, 2021).

2 Agradeço a definição “contos que agridem o leitor” a Michel dos Reis, aluno do curso de Letras Português-Espanhol da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Unifesp.

3 “Mi ideal es que sea considerado un libro de terror, el género que mejor puede contar que estamos durante 18 o 20 años a merced de estas personas – la familia –, que a su vez estuvieron a merced de otras”.

temente bom literariamente para que os leitores não pudessem dizer ‘dá para ver o dogma, o panfleto, outra histórica’<sup>4</sup> (ESCALANTE, 2021).

Antes de *Rinha de galos*, Ampuero, escritora, jornalista e professora, tinha publicado duas coleções de crônicas: *Lo que aprendí en la peluquería* (2011), que reúne textos escritos para a revista de moda *Fucsia*, e *Permiso de residencia* (2013), sobre a experiência de ser migrante na Espanha. Seu último livro de contos, *Sacrificios humanos*, é de 2021. Pela sua obra, a autora ganhou diversos prêmios; já como funcionária do Ministério de Cultura do Equador, organizou, em 2019, a XII Feria Internacional del Libro de Quito.

Ampuero pode ser incluída no grupo de escritoras latino-americanas, nascidas a partir dos anos 1970, que abordam temas de violências, como a porto-riquenha Yolanda Arroyo Pizarro – *Las negras* ou *Transcaribeñx* (1970) –, a salvadorena Claudia Hernández – *Olvida uno* (1975) –, a mexicana Fernanda Melchor – *Aquí no es Miami* ou *Temporada de furacões* (1982), recentemente traduzido no Brasil –, ou as argentinas Selva Almada – *Garotas mortas* (1973) – e Samanta Schweblin – *Pájaros en la boca* (1978) –, para falar apenas de algumas e de alguns de seus livros.

As suas obras falam de violências, mas os relatos não são construídos como os da literatura de testemunho, muito presente na América Latina nos anos 1970 e 1980. Elas escreviam num contexto diferente: quando os movimentos de mulheres já tinham questionado o enfoque tradicional dos direitos humanos, que só considerava as violações cometidas por agentes do Estado contra dissidentes ou opositores políticos (principalmente homens), e quando a Conferência Mundial das Nações Unidas de 1993, em Viena, reconheceu que “acabar com a violência contra a mulher na esfera pública e na privada era uma obrigação dos direitos humanos”<sup>5</sup> (NACIONES UNIDAS, 2014, p. 81).

*Rinha de galos* é brutal nas suas descrições, não faz concessões: feições e baratas; excrementos e sangue; masturbação e castigo; cheiros podres; sadismo; murros, socos; prostituição, leilão de gente; vizinhas que ouvem as investidas contra outra mulher e não fazem nada; mães e pais demasiado ocupadas/os com o trabalho ou as aparências para cuidar das filhas; seres descartáveis; avós e avôs maltratantes; decadência da classe alta; banalidade do mal. O sórdido e o bestial estão aí representados.

Os relatos, como antecipa a primeira das epígrafes, “Tudo que apodrece forma uma família”<sup>6</sup> (CASAS, 2021), abordam diferentes vexações dentro de casa, sobretudo as sofridas por meninas e mulheres, mas não é só isso. Também há incesto entre mãe e filho adolescente; relações sexuais entre prima e primo; entre irmã e irmão. Da mesma forma, a outra epígrafe, de Clarice Lispector (2017, p. 77), “Sou um monstro ou isso é ser uma pessoa?”, antecipa assassinatos e suicídios, abandonos, indiferenças. Segundo Galindo Núñez (2021, p. 336), a disposição das epígrafes é importante porque responde à ideia de *dipositio*, quer dizer, a ordem e encadeamento que têm os textos literários numa obra e que

4 “Yo quería que [o livro] fuese suficientemente bueno en lo literario para que los lectores no pudieran decir ‘se le ve el dogma, el panfleto, otra histórica’”.

5 “la eliminación de la violencia contra la mujer en la esfera pública y en la privada era una obligación en materia de derechos humanos”.

6 É o verso final do poema “Hace algún tiempo”: “Hace algún tiempo// fuimos todas las películas de amor mundiales// todos los árboles del infierno.// Viajábamos en trenes que unían nuestros cuerpos// a la velocidad del deseo.// Como siempre, la lluvia caía en todas partes.// Hoy nos encontramos en la calle.// Ella estaba con su marido y su hijo;// éramos el gran anacronismo del amor,// la parte pendiente de un montaje absurdo.// Parece una ley: todo lo que se pudre forma una familia”.

orientam determinada interpretação ou efeito e que, em *Rinha de galos*, ajudam a compreender o que acontecerá nas narrativas. Assim, para o autor, os contos se organizam de tal forma que se pode ver como as personagens femininas vão amadurecendo por meio de ritos de iniciação forçados, como se algo interrompesse seu desenvolvimento natural e as obrigasse a se tornar uma versão monstruosa do que eram quando crianças (GALINDO NÚÑEZ, 2021, p. 337). É uma forma possível de pensar o ordenamento da coletânea.

Outra possibilidade é observar a estrutura de moldura em que estão arranjadas as narrativas. Em “Subasta”, o primeiro relato, e “Outra”, o último, há pequenos “triumfos” das mulheres protagonistas. Como se a autora quisesse nos dizer que não está tudo perdido, que há alguma saída, mesmo que seja preciso fazer mais: “Acredito que, para combater a violência, algumas coisas melhoraram um pouco, mas acho que estamos olhando para outro lado”<sup>7</sup>, afirma na entrevista a Escalante. Na sequência, os textos vão mergulhando nos vícios, costumes e práticas das classes altas (ou média alta): um pai de família que estupra a menina que cuida das filhas (“Monstros”); poliamor entre primos e primas, e incesto (“Persianas”); sadismo, tortura e escravidão como forma de castigo (“Luto”); abuso que leva a tirar a própria vida (“Ali”); violência de classe e violência de raça (“Coro”); suicídio quando acabam a juventude e a beleza (“Cloro”).

Poderia se pensar que a degradação social é apenas nas camadas altas, mas não. Convivem, no texto, as madames com o criador de galos, com a pedinte ou mulheres que têm que se prostituir para sobreviver. Assim, nas páginas de *Rinha de galos* também lemos sobre as misérias dos/das que pouco têm: uma mendiga, abandonada pela mãe e surrada pela avó e pelo avô, que se apaixona por um pregador (“Paixão”); uma menina pobre que deixa de ir para escola porque tem que cuidar do irmãozinho doente, enquanto a mãe se relaciona com homens em troca de dinheiro para poder alimentar os filhos (“Cristo”); uma filha que bate na mãe (“Griselda”). Também há relatos em que as questões de classe não são tão explícitas: uma garota que descobre o desejo sexual por uma amiga, filha de uma família disfuncional (“Nam”); uma mulher que volta para a casa da infância e para um antigo amor, criador de hamsters, que serão devorados pelas suas mães (“Crias”). O opróbrio atravessa todas as classes.

Impossível dizer se os contos se passam em Quito, em Madri ou em Buenos Aires, lugares onde Ampuero morou. Há pouquíssimas marcas de espaço e tempo: a menção de uma “rodovia Perimetral”, que qualquer cidade grande possui e que é, segundo a autora, lugar de desova de corpos de mulheres assassinadas, e a igreja “Cristo del Consuelo”: “um símbolo de toda essa religiosidade que nos une e que também é perigosa porque vai junto de pátria, pai e Deus Pai, ou seja, do patriarcado”<sup>8</sup> (ESCALANTE, 2021), diz a escritora na entrevista citada anteriormente. As referências temporais podem ser inferidas de títulos de filmes e músicas; aparentemente, as histórias transcorrem a partir dos anos 1970. No entanto, em “Luto”, por exemplo, faz-se alusão a escravizados, o que nos leva a pensar, também, em épocas bem anteriores. Essas precisões, contudo, não

7 “Creo que hay ciertas cosas que han mejorado un poco para combatir la violencia, pero me parece que estamos mirando hacia otro lado”.

8 “un símbolo de toda esa religiosidad que nos une y que también es peligrosa porque están muy de la mano patria, padre y Dios Padre, o sea, el patriarcado está ahí”.

interessam; está claro que as narrativas falam de violências que existiram e que existem, que permanecem no tempo e no espaço, como se afirmasse “isso acontece, aconteceu e acontecerá; aqui, aí e lá”.

Contra o dogma e o panfleto, *Rinha de galos* traz dois contos, “Griselda” e “Persianas”, nos quais as agressoras principais são mulheres – sendo o segundo narrado por Mario, um adolescente de 14 anos. Todos os outros relatos são feitos por mulheres, adolescentes ou meninas, em primeira pessoa, em segunda (“Paixão” e “Outra”), em terceira (“Luto” e “Coro”) e em primeira do plural (“Ali”). Pode-se pensar que a variedade de vozes e perspectivas de mulheres é outra forma de fazer visível, a partir de vários ângulos, a degradação familiar.

Muitos males se originam na família. Como diz Rita Segato (2010, p. 131) em *Las estructuras elementales de la violencia*, “o trabalho da consciência é lento, mas indispensável. É necessário [...] trabalhar por uma reforma dos afetos e das sensibilidades, por uma ética feminista para toda a sociedade”<sup>9</sup>. É o que parece fazer Maria Fernanda Ampuero em *Rinha de galos*.

## SOBRE A EDIÇÃO DA MOINHOS

Publicar *Rinha de galos* neste momento do Brasil, em que todas as semanas são noticiadas violências, especialmente a política e a policial, parece um grande acerto da editora Moinhos porque, como vimos, os contos abordam as outras violências, as menos visibilizadas pela mídia, as intrafamiliares.

A edição, bem-cuidada, inclui, na orelha da frente, um texto de apresentação dos contos, de Mariana Enríquez, escritora argentina, e na última, um resumo da biografia da autora. Em relação à tradução, no geral, parece adequada e bem-feita, havendo pouquíssimas escolhas que, talvez, não se justifiquem. Menciono apenas dois exemplos: “eso ya me importaba un carajo” (AMPUERO, 2018, p. 24) traduzido por “isso já não me importava nem um pouco” (AMPUERO, 2021, p. 27), que perde a aspereza do original; ou “Pero seas como seas no se necesita nada para matar” (AMPUERO, 2018, p. 95) traduzido por “Mas, seja como for, não necessita de nada para matar” (AMPUERO, 2021, p. 96) que, ao evitar a segunda pessoa do “seas”, perde o efeito de uma fala que parece vir da consciência da personagem.

## REFERÊNCIAS

AMPUERO, M. F. *Pelea de gallos*. Madrid: Páginas de espuma, 2018.

AMPUERO, M. F. *Rinha de galos*. Tradução Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

CASAS, F. Hace algún tiempo. *Festival Internacional de Poesía de Medellín*, Argentina, 28 mar. 2021. Disponível em: [https://www.festivaldepoesiademedellin.org/es/Revista/ultimas\\_ediciones/74\\_75/casas.html](https://www.festivaldepoesiademedellin.org/es/Revista/ultimas_ediciones/74_75/casas.html). Acesso em: 5 out. 2021.

ESCALANTE, F. V. “Escribí este libro aullando de dolor”: María Fernanda Ampuero. *Librerías Gandhi*. Cidade do México, México. Disponível em: <https://mascultura.mx/entrevista-maria-fernanda-ampuero/>. Acesso em: 7 jun. 2021.

<sup>9</sup> “el trabajo de la conciencia es lento pero indispensable. Es necesario [...] trabajar por una reforma de los afectos y de las sensibilidades, por una ética feminista para toda la sociedad”.

GALINDO NÚÑEZ, M. A. Inocencia quebrantada. El uso de lo grotesco en *Pelea de gallos* de María Fernanda Ampuero. *Sincronía. Revista de Filosofía, Letras y Humanidades*, Guadalajara, n. 79, p. 334-344, jan./jun. 2021. Disponível em: [http://sincronia.cucsh.udg.mx/pdf/79/334\\_344\\_2021a.pdf](http://sincronia.cucsh.udg.mx/pdf/79/334_344_2021a.pdf). Acesso em: 3 jan. 2022.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017.

MARTÍNEZ, A. B. Entrevistamos a María Fernanda Ampuero. Disponível em: <https://ambitocultural.es/entrevistamos-a-maria-fernanda-ampuero-70578/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MASSIS, D. María Fernanda Ampuero: “El sentimiento más autodestructivo es querer que tus padres te quieran”. *BBC News*, 3 set. 2019. BBC News Mundo, Hay Festival. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-49349057>. Acesso em: 29 jun. 2021.

NACIONES UNIDAS. Los derechos de la mujer son derechos humanos. 2014. Disponível em: [https://www.ohchr.org/documents/publications/hr-pub-14-2\\_sp.pdf](https://www.ohchr.org/documents/publications/hr-pub-14-2_sp.pdf). Acesso em: 15 jan. 2020.

SEGATO, R. L. *Las estructuras elementales de la violencia*. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

AMPUERO, M. F.

*Rinha de galos.*

Tradução Silvia Massimini Felix.  
Belo Horizonte: Moinhos, 2021. 112 p.